

VEGETAÇÃO: UM CONVITE À SENSIBILIDADE

Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

Publicado na Revista da Câmara de Arquitetos e Consultores, edição inaugural, out. 2001, pg. 14 e 15.

A vegetação não é o único elemento de um projeto de paisagismo, é bom que se enfatize. Mas talvez seja, em muitos casos, o elemento mais importante e seguramente aquele ao qual a ideia de paisagismo mais se associa. Não há uma regra única para o emprego da vegetação. Aos que insistem que um jardim deve ser obrigatoriamente deste ou daquele modo, sugerimos que olhem para a história, mesmo recente, dos jardins. Poderão observar a variedade de soluções belas e interessantes. A criatividade reinventa fronteiras, e as amplia. Têm sido escritos muitos livros e apostilas sobre como fazer um jardim e utilizar a vegetação. Com certeza, há muitas regras para facilitar seu emprego. E nesses livros e convenções há, de fato, muita experiência acumulada. Em nossa opinião, entretanto, o mais importante e o início de tudo, é a sensibilidade artística.

O arquiteto paisagista deve reconhecer que o projeto visa atribuir, conceitual e funcionalmente, um **NOVO DESTINO** privilegiado a um espaço existente, mesmo quando se propõe a um trabalho que tenha em vista a preservação e o respeito dos valores históricos. A vegetação deve então ser vista como um elemento que contribui para essa diferenciação estética e funcional desse fragmento privilegiado no espaço e jamais ser vista como um elemento isolado do entorno, mesmo quando é um exemplar único. Muito de seu charme e utilidade advém de ser vista como **PARTE** de um sistema aberto de relações e interações, onde as funções e significados resultam de suas qualidades intrínsecas e das relações que estabelece com outros elementos. É uma qualidade importante, cuja influência na harmonia da composição é conhecida por qualquer artista.

Nesse sentido, a vegetação deixa de ser um elemento decorativo ou complementar apostado a edifícios e espaços livres. Antes de tudo, é um elemento **ESTRUTURADOR** desses espaços públicos ou privados, podendo defini-los total ou parcialmente. Mas não é o único ou o mais importante dos elementos; em muitos casos soluções excelentes são atingidas sem vegetação alguma, ou com seu emprego bastante sutil e delicado, sendo em alguns casos até mesmo contraindicada. Isso significa que nem todo espaço externo precisa conter vegetação e, mais importante, que a presença ou a ausência da planta e a seleção da espécie adequada deve decorrer de **CRITÉRIOS** adequados a cada situação, inclusive para harmonização e valorização da paisagem dos elementos

construídos (monumentos, edifícios históricos etc.) e naturais (panorâmicas, água, insolação etc.) e dimensionamento adequado ao local (ruas estreitas, fiação, iluminação).

Além da intencionalidade estética e estruturadora dos espaços, as quais rapidamente mencionamos, o emprego da vegetação pode ser portador ou revelador de **CONTEÚDOS CULTURAIS**. Por exemplo, a palmeira imperial vem associada, como o nome sugere, à ideia de imponência, de majestade, de excepcionalidade. D. João VI as introduziu no Jardim Botânico do Rio de Janeiro no início do século 19 e houve um tempo em que não havia fazenda ou mansão que não as apresentasse em toda a sua imponência. Tornou-se um estereótipo. Depois, já no século 20, quando se começou a valorizar as plantas nativas, essa palmeira símbolo do império, foi rejeitada durante algum tempo. Era um símbolo de algo que estava no passado! Foi reabilitada para o paisagismo de vanguarda apenas através de sua reutilização por Burle Marx.

Muitas das plantas que hoje empregamos com grande prazer, até o início do século não eram incluídas em qualquer jardim, pois não estavam associadas à ideia de beleza e sim à de "mato", o que então tinha uma conotação negativa. Significados podem ser encontrados em inúmeras plantas e podemos lidar com eles, tirar partido ou até reinventá-los. Assim ocorre, por exemplo, com as palmeiras imperiais, cactos, bromélias, rosas, pau-brasil, comigo-ninguém-pode etc. A apreciação estética é muito influenciada pelo significado. Pode ser enriquecida também, em certos casos, com o conhecimento das utilidades das plantas, que favorecem o estabelecimento de vínculos especiais com seus usuários, como o emprego de plantas medicinais, frutíferas, hortaliças etc..

Outro aspecto a ser considerado é que a vegetação pode criar um microambiente, com temperatura e luz mais amenas, o que também tem um efeito plástico. Além da contribuição que dá ao **CONFORTO AMBIENTAL** e portanto psicológico, pode contribuir para o **CONTROLE AMBIENTAL**, aumentando a permeabilidade do solo urbano, influenciando no controle de enchentes, no tratamento do esgoto doméstico ou no controle de poeiras, por exemplo. Pode atrair beija-flores e outros pássaros, valorizando os significados e aumentando o interesse do lugar. Aspectos ambientais e ecológicos como clima, solo, água, luz, temperatura, vento, altitude, fauna, associações entre as espécies, diversidade, parasitas, domínios ecológicos, são fatores a serem considerados no projeto e muitas vezes fonte de inspiração, ganhando maior ou menor importância em cada caso, podendo acontecer de serem os fatores mais importantes em determinada situação.

O simples plantio de espécies, mesmo que bonitas, não implica uma boa **COMPOSIÇÃO DA PAISAGEM** (1). Os princípios da arte devem ser considerados no emprego da vegetação, tais como composição, ritmo, harmonia,

proporção etc. Porém, não podemos esquecer de que trabalhamos o espaço e não no plano bidimensional em que o representamos. O deslocamento e o estar dos observadores em suas múltiplas possibilidades e destinos pessoais devem ser considerados, inclusive na definição de escalas, proporções, funções, inclusive psicológicas.

Citando o paisagista norteamericano Garret Eckbo (2), em tradução livre: *"A base para entender como por juntos várias funções, padrões e materiais é o desenvolvimento de um senso da forma ou uma intuição sobre as relações e combinações adequadas. Este estudo, como temos dito, abrange o conhecimento histórico de todos os campos do projeto [design], a atividade contemporânea em todos os campos e as características principais do mundo físico e social em que se inserem. Nada menos é adequado a um profissional responsável. Enfatizarei um ou mais dos elementos da composição artística: linha, superfície, tom, cor, textura, massa, espaço; devem ser arranjados de acordo com os princípios artísticos - ritmo, equilíbrio, ênfase e serem então organizados pelas proporções a fim de produzirem harmonia, a qual é a cuidadosa relação entre unidade e variedade. Esta forma tem vitalidade e proporciona tanto repouso quanto vivacidade"*.

O conhecimento botânico é necessário, ao lado do conhecimento horticultural. A nomenclatura botânica é universal e no paisagismo emprega-se mais o conhecimento ao nível de família, gênero e espécie e a nomenclatura popular. Mas não basta uma tabela de nomes botânicos: é preciso conhecimento e sensibilidade e é necessário conhecer a planta em sua arquitetura e autoecologia, com sensibilidade artística. A planta é um ser vivo, adaptado em suas formas e processos vitais às funções urbanas e estéticas, com grande variabilidade nos indivíduos tanto no que se refere a suas características plásticas quanto a suas respostas ao ambiente. Daí o repertório e experiência do projetista influem muito no projeto.

Como escreveu José Tabacow (3) sobre Burle Marx: "Roberto nunca diz: 'Eu quero algum arbusto de porte médio, de flor amarela'. Ao invés disso, ele dá o nome da planta, porque sabe exatamente o que quer e por que quer". Essa é uma postura bem diversa daqueles que procuram uma lista de plantas para especificar uma planilha botânica que desconhecem, como se o dar nome as plantas fosse fazer paisagismo. Ao contrário, conhecer o nome das plantas, como dizia o paisagista Robert Coelho Cardozo, decorre de não esquecermos os nomes de nossos amigos, porque temos intimidade com elas.

A plantação deve prever as diversas fases de crescimento no tempo, inclusive em seu efeito sobre o desenvolvimento das próprias espécies. Aqui se introduz um dos temas mais importantes no paisagismo: O **TEMPO**. Todo paisagista trabalha

com o tempo. O tempo de crescimento das plantas, de suas adaptações e ciclos, as variações da luz e da sombra, do calor e da umidade durante o dia e durante o ano. O tempo dos usuários em seus deslocamentos, e em suas idades que trazem demandas diferentes e específicas. Mas não só isso, também o tempo da história e da memória, da cultura humana construída no território e incorporada como informação pelo projetista. A paisagem é um produto do TEMPO, sempre instável e num vir a ser, mas também com uma história da qual é registro dinâmico. Compreender o tempo é essencial para a sensibilidade do paisagista.

Todos os aspectos mencionados podem facilmente se confundirem em receitas de como proceder. Nenhuma receita ou tabela basta, é preciso **CONHECIMENTO e SENSIBILIDADE**, tanto para apreciar a vegetação, reconhecer as formas, cores, texturas, transformações ao longo do ano e de crescimento de cada espécie, quanto para saber utilizar cada uma e o conjunto de espécies na composição do projeto. A sensibilidade para com a vegetação se desenvolve tanto na apreciação dos detalhes como do conjunto, o que poderá ser percebido facilmente olhando-se com atenção para essa infinita diversidade da vegetação, quer em seu conjunto, quer em seus detalhes, flores, folhas, troncos, evidenciando aspectos marcantes de algumas espécies, dos quais se pode tirar partido na organização do projeto. A apreciação estética começa com um exercício de olhar, observar atenta e prazerosamente, de sentir com outros sentidos, e admirar a infinita variedade de tipos, tamanhos, cores, funções, que ocorrem na criação. É aí, como tantas vezes observou Roberto Burle Marx, que se aprende muito da natureza e se apreende muito de sua **BELEZA**.

Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

como citar:

SANDEVILLE JR., Euler. **Vegetação: um convite à sensibilidade**. São Paulo : Revista da Câmara de Arquitetos e Consultores, edição inaugural, out. 2001, pg. 14 e 15.

Referências citadas

- 1 Abbud, Benedito. Vegetação e Projeto. Estudos de caso em São Paulo com as reflexões de um arquiteto. Dissertação de Mestrado, FAU.USP, 1986
- 2 Eckbo, Garret. The art of home landscape. London, McGraw-Hill, 1956
- 3 Roberto Burle Marx. Arte & Paisagem. Conferências escolhidas. São Paulo, Nobel, 1987, p.7